

Atividade empresarial

O número de empresas extintas no Distrito Federal durante o último mês aumentou em 31%, em relação a outubro, conforme apurou a reportagem deste jornal na Junta Comercial do DF. Em termos absolutos, o número de empresas que encerraram suas atividades não chega a ser expressivo (38), especialmente se comparado à quantidade de sociedades criadas no mesmo período — 715 em novembro contra 695 no mês anterior. É fácil perceber, portanto, que a despeito da crise econômica, o número de pessoas decididas a empreender ainda é largamente superior ao daquelas que abandonam a atividade mercantil. Não há, contudo, razão para maior otimismo.

O primeiro motivo para encarar com cautela os dados da Junta Comercial é que, nos últimos quatro meses diminuiu o registro de novas empresas no Distrito Federal, enquanto os pedidos de extinção de novembro são os mais numerosos dos últimos seis meses. A segunda razão para preocupação provém da análise feita pela Associação Comercial do DF, através de seu presidente, que prevê uma “quebradeira geral nos próximos meses”, ao comentar a situação financeira das empresas, a evolução do mercado financeiro e o comportamento das vendas.

Em todo o mundo, o surgimento de novas empresas de forma consistente ao longo de períodos relativamente longos é

um dos melhores indicadores de estabilidade econômica e de que as sociedades acreditam que o futuro aponta para a prosperidade. No caso do Distrito Federal, devido às peculiares características da economia local, a situação deve ser encarada com uma reserva adicional.

Depois de 40 anos de vida econômica dependente das atividades de governo, o DF enfrenta a primeira retração drástica e sem perspectiva de interrupção, dos níveis de emprego e de salários no setor público. A reforma administrativa implementada pelo atual governo fez com que um nada desprezível número de habitantes do Distrito Federal optassem por estabelecer seus próprios negócios. Esta circunstância foi uma das razões que provocaram um extraordinário crescimento no número de empresas constituídas há alguns meses, num momento em que em outras regiões do País a iniciativa privada, em particular no que se relaciona com novos investimentos, já vinham dando sinais de retração. O que agora se assiste é a repetição defasada deste fenômeno no DF. Se este quadro se confirmar, como parece ser a tendência, então sim, a situação poderá adquirir proporções efetivamente graves na medida em que o movimento de criação e extinção de empresas dará lugar à temida “quebradeira”.